

Recebido em fev. 2013

Aprovado em abr. 2013

MARCUSE E TEORIA ESTÉTICA
A RELAÇÃO ENTRE EROS, ARTE E REVOLUÇÃO

CIBELE SARAIVA KUNZ *

RESUMO

Para Marcuse, a tradição filosófica tratou de separar as faculdades mentais e sensuais dos seres humanos, inferiorizando o que compete aos sentidos em relação ao que compete à razão, criando uma visão bipartida de homem e de mundo. Marcuse busca reunir estas faculdades, que um dia já foram pensadas em conjunto. Desta forma, o autor resgata Eros para pensar uma dimensão estética da existência humana. Cria novos pressupostos para se pensar o retorno à unidade humana e vê na arte um caminho possível para isto se concretizar.

PALAVRAS-CHAVE

Estética. Arte. Eros. Sublimação. Revolução.

* Professora no CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI – FACULDADE METROPOLITANA DE BLUMENAU, pertencente ao grupo UNIASSELVI. Leciona atualmente a disciplina Fundamentos e Metodologias da Dança para o curso de Educação Física. É formada em Ciências Sociais pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA e possui mestrado em Filosofia pela mesma universidade. Concentra seus estudos na área de Estética, tendo já defendido a monografia e a dissertação nessa linha de pesquisa. Atualmente desenvolve projeto de doutorado com o tema provisório da relação entre estética e liberdade nas obras de Schiller e Marcuse. É ainda professora de balé clássico na CENARIUM ESCOLA DE DANÇA DE FLORIANÓPOLIS e atua como bailarina independente.

ABSTRACT

For Marcuse, the philosophical tradition managed to divide man's mental and sensuous faculties, diminishing the features related to the senses as compared to those related to reason, thus creating a split notion of man and the world. Marcuse wants to bring these faculties back together, which were once thought of as a unity. And so the author relies on Eros to think of an aesthetic dimension of the human existence. He establishes new assumptions in order to be able to outline a return to human unity and finds in art a possible way for this to happen.

KEYWORDS

Esthetics, Art, Eros, Sublimation, Revolution.

Herbert Marcuse foi um pensador que estudou com afinco o desenvolvimento sócio-histórico da civilização científico-técnica e foi um crítico severo da sociedade contemporânea. Para o autor, o pensamento que se estabeleceu na sociedade principalmente a partir de Aristóteles instituiu uma ruptura entre as faculdades mentais e sensuais do ser humano, que trouxe péssimas consequências para a totalidade dos sujeitos, pois sobrepôs a razão à sensibilidade, reprimindo o que é da ordem do sensível e suprimindo desejos. O autor reflete que ao postular o ser como razão, tratou-se de definir o ser como *Logos* destacando, de fato, uma lógica de dominação onde o progresso se dá pela alienação da humanidade, pois mais do que sobrepor razão à sensibilidade, transformou a racionalidade em técnica, em meios de controle e manipulação e, desta forma, segundo ele, a liberdade é suspensa.

Destarte, pensa o autor, é preciso retomar a noção inicial de ser como sendo da ordem do sensível tanto quanto da razão. Para tanto, ele irá resgatar a noção de Eros. Eros dentro do panteão dos deuses gregos é aquele deus nem mortal, nem imortal que, segundo a mitologia de Platão, é fruto de Pênia, a pobreza e Poros, o recurso (deus da riqueza). Eros é gerado no dia do nascimento de Afrodite, a bela Deusa do amor. Pênia aproveitando que Poros estava embriagado nas comemorações do nascimento de Afrodite, deita-se com ele e desta união nasce Eros, por isso, diz a mitologia, que Eros será sempre companheiro e servo da Beleza. E para sempre também será duplo, porque da mãe herda a permanente

carência e o destino de andarilho e do pai herda a bravura e a busca pelo belo e pelo bom. Destas duas heranças reunidas surge sua sina *sui generis*, nem mortal, nem imortal, ora cresce e vive, ora morre e de novo renasce, transitando eternamente entre viver, morrer e ressuscitar. Perenemente marcado pela carência transmitida por Pênia, Eros não é sábio, no entanto busca conhecer, ama a sabedoria e a filosofia.

Eros, também é conhecido como o amor, a força universal de atração é o que justifica porque os seres humanos se unem e geram descendência e segundo Platão, é por meio da “ascese erótica” que se dá uma das formas de se ascender ao mundo das ideais (a outra seria pelo trabalho racional, matemático). Eros também é o impulso de vida, conceito desenvolvido por Freud e que Marcuse se apropria para trabalhar a sua própria teoria estética. Para ele é preciso traçar novos pressupostos para se pensar o retorno à unidade humana, o humano como dimensão que abarca sentido e razão. Pois, como diz o autor:

Sejam quais forem as implicações da concepção grega original de *Logos* como a essência de ser, desde a canonização da lógica aristotélica o termo fundiu-se com a ideia de uma razão ordenadora, classificadora, dominadora. E essa idéia de razão tornou-se cada vez mais antagônica daquelas faculdades e atitudes que são mais receptivas do que produtivas, que tendem mais para a gratificação do que para a transcendência – as quais se conservam fortemente vinculadas ao princípio de prazer. Estas surgem como o irrazoável e irracional que deve ser conquistado e contido a fim de servir

ao progresso da razão. A razão tem por finalidade garantir, através de uma transformação e exploração cada vez mais efetiva da natureza, a realização das potencialidades humanas. Mas, no processo, a finalidade parece recuar diante dos meios: o tempo dedicado ao trabalho alienado absorve o tempo para as necessidades individuais – e define as próprias necessidades. O logos destaca-se como a lógica de dominação. Assim, quando a lógica reduz as unidades de pensamento a sinais e símbolos, as leis do pensamento convertem-se, finalmente, em técnicas de cálculo e manipulação (MARCUSE, s/d, p. 108).

Pensar o ser somente como razão é, para o autor, pensar conforme o princípio de realidade repressivo. Este princípio é responsável pela coação dos impulsos e pela supressão do princípio de prazer. A sensualidade no mundo dominado somente pelo princípio de realidade repressivo é nociva à razão, já que a sensualidade desvirtua os sujeitos do mundo do trabalho, portanto ela tem que ser suprimida. Marcuse considera que resgatar a noção de ser como Eros é resgatar nosso impulso de vida do limbo, por assim dizer, que o mundo capitalista o condenou. Resgatar nossos impulsos sensuais; para o autor, é a chave para encontrarmos a felicidade, se é que ela é ainda possível.

O termo princípio de realidade foi cunhado por Freud e representa na estrutura mental dos indivíduos a base para a repressão que motivará os seres humanos a construir civilizações. Para Freud, seguindo uma corrente hobbesiana, o mundo natural é ingrato, portanto os homens precisam ganhar controle sobre ele para não morrerem. Neste caso, a felicidade não

entra, pois, na obrigação de adaptar-se à realidade, ou melhor, para não mais ficarem à mercê do que o mundo natural pode lhes dar, faz-se necessária a coerção dos impulsos humanos, entre eles, os impulsos de vida. O nosso princípio de prazer, nosso impulso de vida é sublimado pelo princípio de realidade.

Princípio de prazer e princípio de realidade são dois conceitos que Marcuse extrai das obras psicanalíticas de Freud e que correspondem a etapas do processo mental. Eles são os dois princípios básicos opostos que regem o aparelho mental e, embora para Freud, o princípio de prazer esteja diretamente ligado ao desejo sexual, para Marcuse, o princípio de prazer não está se referindo à libido, à que as coisas se tornem objetos do desejo sexual. O impulso de vida não pode ser confundido com o impulso genital, pelo menos não somente. Ele está diretamente relacionado com a sensibilidade humana e nossa busca por felicidade.

Na leitura de Freud, Marcuse reconhece que aquele percebeu a capacidade dos indivíduos de internalizar e reproduzir inconscientemente a repressão imposta pela sociedade, algo que, segundo ele, nem Marx e Engels puderam notar. Desta forma, para Marcuse, o capitalismo se reproduz pela internalização de suas necessidades pelos sujeitos, que reproduzem assim a sociedade que os aflige.

Em sua obra, *Eros e civilização*, Marcuse utiliza a tese de Freud segundo a qual a civilização domestica os impulsos humanos. Freud se questionou se os benefícios disso teriam compensado o sofrimento humano, Marcuse também viria a questionar. Para

Freud, na obra *O futuro de uma ilusão*, ele afirma que a vida comunitária só é possível mediante muitos sacrifícios dos sujeitos, pois;

Parece [...] que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao impulso. [...] Acho que se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana (FREUD, 2006, p. 17).

Se para Freud, desde o começo da vida humana, existem dois impulsos básicos que regem os homens, que são: o impulso de preservação da vida (Eros) e o impulso de morte (Tânatos), logo, diz o autor, fazem-se também necessárias, duas formas iniciais de repressão para o surgimento da civilização: a repressão do impulso primário da sexualidade; e a inibição do impulso destrutivo. O impulso primário sexual é nosso impulso de vida (Eros), e é regido pelo princípio de prazer, e é aquele impulso que exerce pressão para o prolongamento da vida. Já o impulso de morte, é regido pelo princípio de nirvana e seria “um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas [...]. Uma expressão da natureza conservadora da substância viva” (FREUD, 1975, p. 52). Ou seja, é uma tendência do aparelho psíquico para a extinção dos desejos, de quietude e ausência de dor, uma tendência à morte. A parte do aparelho psíquico responsável pelo controle e repressão destes dois impulsos se localiza no ego e se chama princípio de realidade.

Segundo Freud, a satisfação dos impulsos equivale a felicidade, por isso buscamos satisfazê-los e é por isso, também, que a sociedade os reprime, pois desvirtua as atenções do trabalho. Para a formação das sociedades há uma sublimação dos impulsos que desconcentra o prazer de sua forma pulsional e o canaliza para formas psíquicas e intelectuais, como, por exemplo, a arte. Desta maneira, o princípio de realidade é o mecanismo mental que permite o surgimento da civilização. Ele surge para controlar tanto nosso impulso de vida como nosso impulso de morte. E somos “podados” pelo princípio de realidade desde a infância até a idade adulta. Para tanto, o princípio de realidade cria mecanismos institucionais, como a família e a escola, que mediante o impulso da criança de buscar a satisfação imediata, tomam medidas para controlar e adiar este impulso. A criança é vigiada mediante os olhos inquisidores dos seus educadores, já que somente controlando seu impulso de vida é que se tornarão aptas para o trabalho. De fato, as instituições são a materialização do princípio de realidade que caracteriza as sociedades atuais. Na contemporaneidade a dominação extrapolou os limites “das relações pessoais e criou as instituições para a satisfação ordeira das necessidades humanas, numa escala crescente” (MARCUSE, s/d, p. 82).

Marcuse reflete que foi pela repressão ao princípio de prazer que pôde se desenvolver a tecnologia e a ciência moderna, já que, a repressão do prazer permitiu aos seres humanos se dedicarem a outras atividades tais como a pesquisa científica. Desta forma

ela não foi de todo negativa, de fato, salienta o autor, alguma forma de repressão é necessária. Para o avanço tecnológico da civilização, por exemplo, a sublimação do prazer foi importante porque possibilitou um domínio do mundo natural, todavia, tornou a vida humana mecanizada e padronizada. E, embora tenha saciado mais necessidades de um maior número de pessoas, tornou os sujeitos mais empobrecidos intelectualmente e, conseqüentemente, levou a uma maior ausência de liberdade, já que para Marcuse, liberdade é conhecimento, no sentido de que só se é liberto quando primeiro se tem a consciência da repressão.

O frankfurtiano retoma de Freud a ideia de que a satisfação total do prazer, dos impulsos básicos, é incompatível com a civilidade. Freud pensava que se os homens vivessem livres para gozar de prazer quando bem entendessem, nunca direcionariam suas forças para o trabalho, que é, em sua maioria, penoso e não prazeroso. E o trabalho, segundo Freud, é o propulsor das civilizações, sem ele, civilização nenhuma existiria. Assim, é na mudança do princípio de prazer, de uma satisfação imediata, para um princípio de realidade onde a satisfação é adiada, onde o prazer é restrito e a “liberdade” é vigiada que a civilização acontece.

Se, todavia, para Freud a satisfação do princípio de prazer é incompatível com a civilidade e, portanto os impulsos eróticos precisam ser reprimidos, para Marcuse essa repressão é exagerada e imposta por uma racionalidade de dominação que privilegia interesses de um pequeno grupo político para se manter no poder. Marcuse faz uma interpretação política da teoria

freudiana e desta forma estabelece um novo conceito além de princípio de realidade e princípio de prazer: o princípio de desempenho, que é a forma característica de manifestação na sociedade contemporânea do princípio de realidade. O princípio de desempenho é um termo criado por Marcuse, para enfatizar a repressão que submete os sujeitos na civilização industrial avançada. Conforme este princípio os seres humanos são agrupados de acordo com seu desempenho econômico e o que mais o distingue é o controle sobre o trabalho, onde “os homens não vivem sua própria vida, mas desempenham tão só funções preestabelecidas. Enquanto trabalham, não satisfazem suas próprias necessidades e faculdades, mas trabalham em alienação” (MARCUSE, s/d, p. 58).

O trabalho alienado é que é a negação do princípio de prazer, já que para a maioria dos indivíduos o trabalho não representa um desejo individual, desta forma, considera Marcuse, é na sociedade contemporânea que o princípio de realidade realiza sua versão mais avassaladora, pois o princípio de desempenho gera uma falsa sensação de felicidade onde ela de fato não existe. Marcuse enfatiza que, assim como Freud, há uma repressão que é básica e necessária, pois é preciso impor limites ao desejo de satisfação imediata para vivermos em sociedade. Ele chama esse tipo de repressão de repressão “filogeneticamente necessária”, todavia, a sociedade regida pelo princípio de desempenho cria um excesso de repressão, que ele denomina de “mais-repressão” (*surplus-repression*), que é justamente a repressão

excedente, pois excede a repressão necessária para a vida em sociedade e é imposta pela dominação de certos grupos de indivíduos a fim de continuarem no poder.

Para Marcuse, porém, é possível uma civilização não-repressiva, ao contrário do que imaginava Freud. O filósofo salienta que existem forças mentais (que foram enfatizadas pelo próprio Freud) que não sofrem influência da repressão do princípio de realidade. Entre estas atividades mentais está a fantasia, que é condição necessária desde a mais inocente brincadeira de criança até as mais elaboradas obras de arte. A fantasia está diretamente relacionada ao princípio de prazer e não ao de realidade, ela consegue manter-se livre do critério de realidade e é a principal ferramenta das brincadeiras infantis e dos artistas. Segundo Marcuse;

A fantasia desempenha uma função das mais decisivas na estrutura mental total: liga as mais profundas camadas do inconsciente aos mais elevados produtos da consciência (arte), o sonho com a realidade; preserva os arquétipos do gênero, as perpétuas, mas reprimidas idéias da memória coletiva e individual, as imagens tabus da liberdade (MARCUSE, s/d, p. 132-133).

A imaginação (fantasia)¹ reconcilia nos sujeitos desejo e razão e toma forma consciente por meio da arte. É na arte que pode transparecer “a organização da vida pela lógica da dominação, a crítica do princípio de desempenho” (MARCUSE, s/d, p. 135), e, ainda

¹ Na obra de Marcuse os termos fantasia e imaginação são utilizados de forma equivalente, sinônima.

assim, ela consegue ser agradável, porque está diretamente ligada à fruição de prazer. A fantasia, ou imaginação, se opõe ao princípio de realidade. Há na fantasia uma “realidade erótica”², isto é, uma realidade onde é possível satisfazer impulsos vitais de prazer sem repressão e desta forma há também na arte – já que esta está fundada na fantasia – esta realidade. A fantasia é livre da realidade dada, estabelece sua própria realidade e, sendo assim, pode ultrapassar o presente e visualizar o futuro. Como ressalta Marcuse, em um ensaio para a Revista de Pesquisa Social (*Zeitschrift für Sozialforschung*)³ em 1937 (anterior a *Eros e Civilização*):

Para preservar no presente o que ainda não está presente como meta, a fantasia é necessária. Que a fantasia se relacione de modo essencial com a filosofia, resulta da função que foi designada sob o título de ‘imaginação’ pelos filósofos, particularmente por Aristóteles e Kant. Devido a sua capacidade única de ‘intuir’ um objeto mesmo ausente, de criar algo a partir do fundamento do material dado do conhecimento, a imaginação indica um elevado grau de independência, a liberdade em meio de um mundo de não-liberdade (MARCUSE, 2006, p. 155).

A fantasia, também guarda as memórias coletivas do inconsciente, aquelas que nos ligam com a espécie em geral, o que para Freud se dava pela sexualidade e, para Marcuse, pela ligação de Eros e imaginação. Eros como dimensão sensível, mas não

² Termo usado por Marcuse em *Eros e Civilização*, p. 136.

³ Revista do INSTITUTO DE PESQUISA SOCIAL (Escola de Frankfurt).

somente restrito à sexualidade genital. A sociedade separou a vida individual da coletiva, no entanto, a memória que une o individual e o universal fica guardada na parte da memória responsável pela fantasia. E a fantasia, por ser um processo mental independente do princípio de realidade e, ao mesmo tempo, essencial para a vida humana, consegue superar o antagonismo da realidade humana, ou seja, consegue “a reconciliação do indivíduo com o todo, do desejo com a realização, da felicidade com a razão” (MARCUSE, s/d, p. 134).

A fantasia, quando ganha forma artística, faz reaparecer a ligação entre razão e sensualidade. Para Marcuse, a arte é a única manifestação humana que consegue preservar sua liberdade na realidade estabelecida, ela está livre do controle do princípio de desempenho e, portanto, é a única que pode desafiá-lo. Todavia, por nos colocar em contato com o princípio de prazer, ela produz catarse e a catarse pode ser usada para apaziguar as consciências e inibir a revolta.

Freud, já dizia que o artista pratica uma “atividade destinada a apaziguar desejos não gratificados” (FREUD, 1996, p. 188), do próprio artista e também dos seus espectadores. Segundo ele, o artista se afasta da realidade, por não concordar com a repressão à satisfação pulsional que ela exige e concede aos seus desejos eróticos liberdade, por meio da fantasia. Dessa forma, o artista (e seus espectadores) ao realizar seus desejos por meio da arte, encontra também, o caminho de volta à realidade, conciliando, assim, a satisfação pulsional e o princípio de realidade.

Em sua obra o artista representa suas fantasias e desejos mais íntimos como que realizados na realidade – que, de certa forma, estão mesmo sendo realizados onde o objetivo principal do artista é libertar-se dos desejos reprimidos e, conseqüentemente, oferecer aos espectadores a mesma libertação. Há uma libertação estética na teoria de Freud, mas que, no entanto, se limita ao momento do fazer artístico e da apreciação artística. É como se durante um espetáculo o artista e o espectador usufríssem, por aqueles instantes, de uma liberdade (de desejos libidinais) reprimida em suas vidas cotidianas, mas que, ao final do espetáculo, tudo voltasse ao normal. Para Freud, o papel da arte era esse, o de aliviar “tensões” que o princípio de realidade instaura nos sujeitos, haja vista a sua necessária repressão aos impulsos humanos, já que para ele o princípio de realidade é, como já dito antes, necessário para o estabelecimento de civilizações, pois caso contrário, os seres humanos não seguiriam regras, nem se submeteriam à dominação.

Marcuse reconhece também essa mesma “função” da arte, principalmente nas sociedades industriais avançadas, a fruição de prazer possui efeito catártico, fazendo com que ao mesmo tempo em que se opõe à realidade, também reconcilia e absolve esta mesma realidade, na medida em que satisfaz, mesmo que por um breve período, os impulsos de vida, podendo a repressão ser imposta de novo ao fim do espetáculo. Pode-se dizer com isso que o princípio de desempenho consegue transformar a capacidade de libertação da arte em mera utopia. No entanto, pensa

o filósofo que isto se dá porque o princípio de desempenho se apropria da verdadeira função da arte, que é a de revolucionar a experiência cotidiana. A verdadeira arte, a arte autêntica, pode ultrapassar os limites do espetáculo e levar a liberdade para dentro da realidade cotidiana de cada indivíduo e, com isso, revolucionar o sistema de opressão e repressão do princípio de desempenho. A arte é para o filósofo o mais visível “retorno do reprimido”⁴, pois “a imaginação artística modela a ‘memória inconsciente’ da libertação que fracassou, da promessa que foi traída” (MARCUSE, s/d, p. 135).

Marcuse, portanto, salienta uma dupla função da arte: a de conciliadora dos sujeitos com o princípio de desempenho e a de propulsora de uma revolução que poderia mudar este princípio, pois a Grande Recusa⁵, o protesto contra a repressão do *status quo*, a luta pela liberdade, para o filósofo, só pode acontecer sem punição na arte. Se de outra forma for, política ou filosófica, por exemplo, é desacreditada como utopia, embora a arte, como já dito antes, também sofra com esta condição de ser considerada utopia. E ainda é preciso ressaltar que a arte nas sociedades capitalistas é renegada a esfera do consumo. E a diversão é o meio de controle sobre os consumidores.

A arte como parte da esfera de consumo reprime ao invés de sublimar, ela se torna dessublimação. Marcuse utiliza o termo sublimação,

⁴ Expressão de Marcuse em *Eros e civilização*, p. 135.

⁵ Termo que Marcuse toma emprestado de Whitehead, *Science and the Modern World* (1926), p. 228.

que ele também extrai da obra de Freud, para explicar as atividades humanas que não possuem relação aparente com a sexualidade, mas que possuem seu elemento propulsor no impulso sexual, tais como as atividades artísticas e intelectuais. No entanto, a sexualidade reprimida no passado “ nas sociedades pré-tecnológicas “ hoje é “liberalizada”, porém focada na genitalidade. E a indústria cultural corrobora com isso, na medida em que ela é pornográfica, mas ao mesmo tempo puritana. A arte deixa de ser sublimação para se tornar dessublimação repressiva; pois há um afrouxamento dos costumes relacionados ao sexo, mas nem por isso há um afrouxamento da repressão, ou por assim dizer, a liberação da sexualidade genital debilitou, em contra partida, o impulso erótico.

Há uma maior liberdade sexual, mas nem por isso maior liberdade erótica. De fato, ao mesmo tempo em que se oferece algo aos indivíduos, priva-se-lhes disso. A indústria do erotismo faz isso, tudo gira em torno do coito, mas não em torno de Eros. Concentrando as atenções para a genitália, pode-se descarregar a libido, deixando o resto do corpo livre para ser utilizado como instrumento de trabalho, e deixando também os impulsos repressivos mais potentes que os eróticos. Isto é o que Marcuse chama de dessublimação repressiva, uma forma consentida de atingir prazer, pois promove a coesão social. “Sem deixar de ser um instrumento de trabalho, o corpo tem permissão para exibir suas características sexuais no mundo de trabalho cotidiano e nas relações de trabalho” (MARCUSE, 1978, p. 84). Há uma primazia

da genitalidade, ou seja, a sexualidade centrada na procriação e, que é na maioria das vezes monogâmica. O que difere disso é visto como perversão, o que acarreta na verdade em dessexualização. Pois, concentrando apenas na genitália a energia sexual é controlada e o prazer é satisfeito, conformando-se às necessidades sociais, isto é, ele é satisfeito sem pôr em risco o *status quo*, o que acarreta uma dessexualização do corpo como um todo. O princípio de Prazer é reduzido e essa administração da libido acaba gerando uma submissão voluntária que “enfraquece a racionalidade do protesto” (idem, ibidem, p. 85). A sublimação, ao contrário, conserva a consciência da repressão infligida pela sociedade nos indivíduos e conseqüentemente conserva a necessidade de libertação.

A subjugação dos impulsos sensuais é, para Marcuse, desde Platão, considerada um elemento essencial da razão humana, mas é com Aristóteles que esta ideia se estabelece na sociedade quando ele concebe o *logos* como essência do ser. É a partir deste ponto que a razão passa a se apresentar como razão instrumental e unidimensional, como uma lógica de dominação. Desta forma, o autor irá declarar que só concebendo o ser como uma fusão entre Eros e *logos* é que pode se realizar a ruptura com a lógica de dominação. O ser como Eros permite uma sublimação desrepressiva, pois, desta forma, “a sexualidade não é desviada nem impedida de realizar seu objetivo, mas, ao realizá-lo, transcende-o em busca de gratificação mais plena” (KANGUSSU, 2008, p. 119-120). Ao contrário de uma sexualidade pornográfica, concentrada na genitalidade,

uma pulsão erótica livre permite uma autossублиmação da sexualidade. Nesse sentido, a literatura clássica era um exemplo de sexualidade sublimada que conservava a imagem da liberdade, enquanto, que a literatura atual caracterizada pelos seus *bestsellers*, por assim dizer, em muitos casos, escancaradamente, obscenos, são repressivos. A indústria do erotismo faz parecer a homens e mulheres que todas as suas necessidades pulsionais possam ser satisfeitas, todavia, esta só quer que continuem como eternos consumidores submissos.

Para tanto, a arte é dessublimada e transformada em diversão, no sentido de distração. As pessoas são distraídas para serem mais facilmente manipuladas.⁶ Se a arte era sublimação, a lógica de dominação da sociedade burguesa percebendo-se disso utiliza a arte em favor dela, na medida em que libera a reprodução em massa de grandes obras de arte reprodução possibilitada pela revolução tecnológico-industrial tira o caráter único, singular da arte para transformá-la em mercadoria. Assim, toda a arte passa a ser idêntica, pois se antes era preciso ir até um museu para ver a Mona Lisa de Da Vinci, hoje facilmente encontra-se uma cópia à venda em qualquer lugar. Desta maneira, concilia-se a arte com a “moral” do princípio de desempenho. Apesar da arte hoje ser mais acessível a

⁶ Como disseram Adorno e Horkheimer (1991, p. 135): “Divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado”.

qualquer pessoa, ela já vem destituída de reflexão. Há hoje uma dessublimação controlada e vigiada, que faz enfraquecer a revolta contra o princípio de realidade e isso se reflete na arte. Se antes a sexualidade era sublimada nas obras artísticas, hoje ela é “escancarada” e mais realista, mas infinitamente mais inofensiva.

Marcuse salienta que, a própria mudança no uso do significado original da palavra *estética*, do grego *aisthesis*, como pertencente aos sentidos, como uma forma de apreensão de conhecimento (sensível) ao lado da razão, para – com o predomínio do racionalismo – se transformar em teoria do belo e da arte; para aquilo que é pertinente à beleza e à arte, demonstra o menosprezo que se instaurou pelo princípio de desempenho aos processos cognitivos sensuais, passando ao intelecto a função de organizá-la. A mudança de significado, *estética*, como disciplina da arte e do belo, faz com que esta perca sua abrangência conciliando-a com a moral do princípio de desempenho. Marcuse prefere resgatar o sentido original de *estética*, como *aisthesis* e rejeita seu uso atual, recorrente na modernidade como estudo do belo e da arte.

A *estética* como *aisthesis* e quando operada pelo impulso lúdico liberta o homem moral e fisicamente e harmoniza sentido e razão. Marcuse, via na arte um grande potencial para a libertação dos homens do “reino da necessidade”. Para ele, a arte continha a racionalidade de negação da sociedade e é esta mesma sociedade que dá as condições para tal. Mesmo assim, salienta ele, ela pode acabar por consolidar essa mesma sociedade, como vem acontecendo.

O processo de dessublimação repressiva, estabelecido pelo capitalismo impõe a opressão sob a forma de gratificação e não de privação, que cega o sujeito para a sua real emancipação, pois, “o povo eficientemente manipulado e organizado é livre, a ignorância [...], é o preço de sua liberdade” (MARCUSE, s/d, p. 14). Ao que parece, faz parte do planejamento dessa sociedade o controle sobre os impulsos, de tal forma tão bem planejada, que o indivíduo aparenta ser livre, mas é, de fato, apenas o produto da aparelhagem econômica e social da sociedade capitalista. Desta maneira, sublimar não é mais necessário, já que não condiz com as necessidades do capital, afinal, se sublimar é guardar a memória da repressão de nossos impulsos – o que pode estimular a revolta – a repressão se esconde na aparente liberdade sexual contemporânea. A sublimação, embora envolva a troca de satisfação sexual por outra, que não é sexual, ainda satisfaz nossos impulsos sexuais.

A sublimação foi a principal esfera para o surgimento da civilização, pois ela envolveu a dessexualização de Eros. E a dessexualização de Eros foi necessária, pois as relações de trabalho que se estabeleceram na sociedade em sua maioria foram laboriosas, penosas, alienadas e não-libidinais, portanto, tiveram que ser impostas e, desta maneira, foi preciso tirar energia dos impulsos primários (sexuais) sublimando-os; caso contrário, os homens e mulheres não se sentiriam estimulados a trabalhar, pois o trabalho não lhes oferece prazer, a sublimação surge para suprir esta carência.

De fato, a sublimação é repressiva, pois é repressão do impulso sexual, o que é salutar numa sociedade que precisa reprimir os impulsos humanos. Desta forma, antes da era capitalista existia a repressão por sublimação, mas existia com isso a possibilidade de revolta, já que se tinha percepção do que estava sendo sublimado, por assim dizer. Mas o que impera hoje é a dessublimação repressiva que não sublima, nem liberta, pois somente finge satisfazer o impulso sexual. O que sugere Marcuse, portanto, é que se estabeleça uma sublimação não repressiva. Para tanto, será necessário uma mudança na forma como se apresenta o trabalho e as relações de trabalho em nossos dias. Marcuse, é preciso enfatizar, não era um defensor da extinção do trabalho, pelo contrário, acreditava nele, todavia, reflete que se estabeleceu nas sociedades um tipo específico de trabalho, o trabalho alienado, que não permite ao homem realizar a sua essência.

Houve, no entanto, um modo de trabalho que continuou oferecendo prazer: o trabalho artístico. Ele pode conciliar trabalho (princípio de realidade) e princípio de prazer. O fazer artístico genuíno é não repressivo e pode revolucionar a experiência. Uma revolução por meio da arte possibilitaria a “autossublimação” da sexualidade, e com isso poderia criar relações humanas que não deixem de ser altamente civilizadas, mas que, no entanto, não estejam sujeitas à organização repressiva que esta mesma civilização impôs ao impulso. Possibilitando assim, um progresso histórico para além do princípio de desempenho, criando um novo princípio de realidade.

Este novo princípio de realidade seria caracterizado por um estado estético, onde razão e sensação se uniriam por meio de uma razão sensual. Onde então se encontraria a liberdade, pois, é no estado estético onde verdadeiramente, se encontra o estado de liberdade.

Na base deste novo princípio de realidade está a sublimação não repressiva. Numa sociedade caracterizada por este princípio o trabalho seria libidinal, prazeroso e o tempo livre determinaria a existência humana. O foco central da estética marcusiana é de que por meio da arte se dá o caminho da transformação da sociedade para uma sociedade livre – que seria para o filósofo- uma sociedade erótica, sensível, que permitiria o livre jogo das faculdades e desejos humanos. Segundo o autor:

A negação definitiva da realidade estabelecida seria um universo “estético”, estético no duplo sentido de pertencente à sensibilidade e à arte, ou seja, a capacidade de receber a impressão da forma: formas belas e agradáveis como o modo possível de existência de homens e coisas. [...] A arte (em primeiro lugar, mas não exclusivamente, as artes figurativas) descobre que existem coisas; coisas e não meros fragmentos e partes da matéria para serem manipulados e usados arbitrariamente, mas “coisas em si”; coisas que “pedem” algo, que sofrem e que se rendem ao domínio da forma, o que vale dizer, coisas que são intrinsecamente “estéticas”. A arte assim descobre e libera o domínio da forma sensível, o prazer da sensibilidade, em contraposição ao caráter do falso, do informe e do torpe na percepção, fatores

repressivos da verdade e do poder da sensibilidade, da dimensão sensível como dimensão erótica (MARCUSE, 1978, p. 249-250).

O que Marcuse defende em suas obras é de que a liberdade ingresse no reino da necessidade e, para tanto, é preciso que homens e mulheres se deem conta da necessidade de libertação. Tendo-se dado conta disso, o mundo seria transformado e uma sensibilidade estética transpareceria fazendo com que faculdades e desejos humanos se equiparassem a outras necessidades humanas básicas. A liberdade se apresenta, primeiramente, como negação do mundo dado e necessidade de compreensão deste mesmo mundo. O universo estético é o mundo da vida, ou o que Marcuse chama de *Lebenswelt*. É deste conceito que dependem as necessidades e as faculdades de liberdade para tornarem-se livres. Quando isto acontecer, defende Marcuse, um novo princípio de realidade despontaria, no qual “uma nova sensibilidade e uma inteligência científica dessublimada se combinariam na criação de um *ethos* estético”.⁷ Na obra “*Essay on Liberation*”, o filósofo defende que o termo estético, que tem duplo sentido, como pertencente aos sentidos e pertencente à arte, como já mencionado, serve bem para designar a qualidade do processo criativo-produtivo (*productive-creative process*) num ambiente de liberdade. Para ele, a “mola propulsora” para essa transformação social é a arte.

⁷ Tradução livre do original: “[...] a new sensibility and a dessublimated scientific intelligence would combine in the creation of an *aesthetic ethos*” (MARCUSE, 1969, p. 24).

É preciso não deixar de lembrar que a arte não é vista por Marcuse como arte engajada, política. De fato, a arte, para ele não deve ser política, ele recusa essa forma de apropriação da arte, pois ela deve permanecer com uma verdade própria, pela qual, somente ela se torna o caminho para uma sociedade livre. Por meio da arte pode surgir um novo indivíduo. Um indivíduo que se recuse a cooperar com a dominação. Um indivíduo que se recuse a manter o *status quo*, que se recuse a manter os valores de servidão e exploração. Este é o verdadeiro imperativo da liberdade, imperativo este que tem sido reprimido em toda história humana.

Quando surgir este novo indivíduo, o conflito entre interesses particulares e universais seria superado, razão, liberdade e felicidade se identificariam. Na sociedade formada por estes novos indivíduos, uma nova sensibilidade (*Sinnlichkeit*) seria estabelecida, uma sensibilidade capaz de perceber a liberdade como uma necessidade humana básica, que iria contra a racionalidade instrumental hoje vigente.

A convicção de Marcuse na capacidade da arte em fazer essa transição de mentalidade nos seres humanos, se dá justamente pelo caráter de fantasia da arte. A fantasia faz o elo com Eros, além de reconciliar os interesses particulares dos indivíduos, com os interesses universais do gênero humano, reconcilia também desejo e razão. A fantasia se revela ao mundo por meio da arte e, desta forma, por meio da arte se revela ao mundo também a beleza. Eros está intimamente ligado à beleza, pois ele ama o Belo.

Marcuse busca resgatar a origem erótica da civilização, que Platão, já havia traçado, quando ao falar de Eros, coloca-o como central no movimento de ascensão ao mundo das ideias. Quando alguém vê a beleza, recorda-se da beleza verdadeira, que está no mundo das ideias, e, da qual fazia parte antes de sua existência temporal, terrena. A visão da beleza faz os sujeitos rememorarem o mundo das ideias. Por isso, reflete Marcuse, que a beleza é uma promessa de felicidade, já que, por meio da visão do belo, é possível vislumbrar outra realidade, que não seja nem mutilada, nem falsa.

Para Marcuse, é possível a união de sensibilidade e racionalidade, ou, princípio de prazer e princípio de realidade. É possível uma sociedade livre e racional, uma união de Eros com Logos. É possível a mulheres e homens viverem de forma plena, sem exploração, nem repressão. É possível libertar-se da sociedade de consumo e isto “não significa voltar à pobreza saudável e robusta, à limpeza moral e à simplicidade” (MARCUSE, 1978, p. 223), ao contrário, eliminando-se o desperdício lucrativo, aumentar-se-ia a riqueza social disponível para distribuição e reduzir-se-ia a necessidade social de negação das pulsões. Assim, uma realidade mediada pela dimensão estética se apresenta como a forma possível de uma sociedade livre, onde a realidade seria artística e a vida fluiria dos impulsos livres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização. *Volume XXI (1927-1931). O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *Além do princípio do prazer. Pequena coleção das obras de Freud*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. O interesse da psicanálise do ponto de vista da ciência estética. In: *Volume XIII (1913-1914) Totem e Tabu e outros trabalhos*. Trad. Órizon Carneiro Muniz. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização. Uma Interpretação Filosófica do pensamento de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. 8ª Ed. São Paulo: Guanabara, s/d.

_____. *An Essay on Liberation*. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 1969.

_____. A arte na sociedade unidimensional. In: LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da cultura de massa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1978.

_____. *A Ideologia da Sociedade Industrial. O homem unidimensional*. Trad. Giasone Rebuá. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Filosofia e teoria crítica. In: *Cultura e Sociedade*. Vol. 1. Trad. Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro, Robespierre de Oliveira. São Paulo: Paz e terra, 2006.

KANGUSSU, Imaculada. *Leis da Liberdade. A relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse*. São Paulo: Loyola, 2008.